

TRABALHO E SOCIABILIDADE: A FORMAÇÃO DE UMA REDE DE CATADORES NO OESTE PAULISTA

Organização do trabalho

Ana Maria Rodrigues de Carvalho - UNESP – FCL- Assis – anamaria@assis.unesp.br

Carlos Rodrigues Ladeia - UNESP – FCL- Assis – ladeia@assis.unesp.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal discutir, a partir de uma experiência concreta dos autores, vivenciada no acompanhamento das atividades desenvolvidas pela Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP- Incop Unesp - com grupos de catadores da Região Oeste Paulista. A existência de um Comitê Regional formado, atualmente, por dezesseis associações e cooperativas, organizadas a partir dos princípios da Economia Solidária. Esse espaço de articulação tem contribuído para o surgimento de práticas sociais que anunciam a emergência de uma nova sociabilidade. Identificando interesses e necessidades comuns esses grupos vêm lutando pela criação e acessando benefícios de políticas públicas, bem como promovendo a ajuda mútua em situações especiais ou de dificuldades. Além disso, esse coletivo vem realizando esforços para a constituição de uma rede solidária para comercialização e avanço na cadeia produtiva dos materiais recicláveis.

Palavras-chave: Trabalho e sociabilidade; Economia solidária; Rede de catadores.

1. Introdução

Segundo Vazquez (1977), a Filosofia da *Práxis*, que condensa o pensamento de Marx e Engles, apresenta o trabalho como categoria central na produção e reprodução da vida humana, não só no que diz respeito aos seus aspectos materiais, construindo meios e bens que visam suprir necessidades básicas dos homens, mas também e ao mesmo tempo, produzindo-se a si mesmo como espécie e como gênero.

Este processo de autocriação, por seu turno só foi possível graças à produção de um universo simbólico que permitiu que suas trocas sociais transcendessem o aspecto de uma comunicação simples entre pares, para um nível mais abstrato e complexo, possibilitando que essas trocas pudessem remeter-se não só a ocorrências ou eventos do momento presente, mas também ao passado e ao futuro.

Dessa forma, o homem foi diferenciando-se substancialmente de outros animais e tendo um maior domínio sobre a natureza, bem como criando um mundo mediado, habitado por instrumentos e ferramentas, entre os quais símbolos (signos, significados e sentidos), idéias e representações, nascidos de sua relação com uma realidade que é ao mesmo tempo concreta e abstrata, objetiva e subjetiva, material e cultural.

Segundo essa teoria da *práxis*, para Marx, não existe uma essência humana imanente e abstrata, mas sim uma realidade humana forjada numa existência real, em relações sociais e de produção concretas. Nem há também relações sociais que não sofram determinações históricas das relações de produção.

Da mesma maneira, o processo de constituição dos indivíduos ou formações sociais, segundo Leontiev (1978), se dá a partir de mecanismos pelos quais o indivíduo, através das relações com outros homens, se apropria das objetivações que compõem o universo social e cultural nos quais vive e se objetiva por meio de sua atividade material e intelectual, transformando-os ou mantendo-os.

Portanto, quando as condições sob as quais o homem vive e trabalha são de dominação e de exploração, pautadas por uma ética de trabalho que mais se presta a preparar os indivíduos para o trabalho duro e para a extração da mais-valia pelo capital na compra da força de trabalho humana, com divisão social e técnica do trabalho, com hierarquização e fragmentação das ações do trabalhador, o que temos é um trabalho alienado e uma sociedade submetida aos interesses da produção e do consumo, assumindo e aceitando os valores do sistema vigente.

Em decorrência da visão liberal dominante, naturalizam-se as desigualdades sociais e se atribui aos indivíduos a responsabilidade pela sua existência. Esse quadro geral, cria por sua vez, as condições subjetivas propícias para a reprodução dessa realidade.

2. A Economia Solidária como elemento fundante de uma nova ética do trabalho

A despeito de sua inegável hegemonia no mundo moderno e na contemporaneidade, o sistema capitalista também tem suas contradições e não pode esconder por completo suas muitas fragilidades. Segundo Ladeia (1995), ainda que o homem seja um ser determinado pelas circunstâncias em que vive, também é um ser ativo, que resiste a elas. Não é uma matéria que se submete passivamente à ação que é exercida sobre ele, mas sim que é capaz de resistir e reagir a elas.

Historicamente os trabalhadores têm desenvolvido e divulgado um grande arsenal de idéias e estratégias, que constituem uma potente massa crítica e um grande número de experiências nas bases econômica e social, bem como um rico ideário que Gramsci (1988), denominou de contra-ideologia.

É nesse campo de luta contra a exclusão do mundo formal do trabalho, da dominação social, política e econômica, e da exploração do homem pelo capital, que irá surgir no final do

século XX e início do atual século, inspirada sobretudo pelas idéias de Proudhon e de Owen (Século XIX), o que no Brasil denominamos de Economia Solidária. Resgatando idéias como do mutualismo, do associativismo e do cooperativismo, a Economia Solidária recupera princípios e valores como da autogestão, igualdade e solidariedade, capazes de configurar novas experiências de vida e de trabalho mais próximas de um projeto mais civilizatório e humanizante que o capitalista. Ao atenuar idéias centrais do capitalismo como: propriedade privada, lucro, divisão social e hierarquização do trabalho, exploração da força de trabalho, competição e individualismo, as substituiu por outras como: propriedade coletiva ou associada dos meios de produção, repartição igualitária ou proporcional da renda e das sobras apuradas, relações horizontais na gestão e na produção e diminuição do trabalho especializado ou fragmentado, cooperação, intercooperação, solidariedade de classe, e interesse pela comunidade.

Essa mudança de ideário, ainda que não se constitua em receita milagrosa para a transformação da realidade, sem dúvida poderá funcionar como alternativa na abertura de caminhos para a construção de novas relações e formas de trabalho e de uma nova sociabilidade. Poderá unificar os trabalhadores em torno de interesses comuns, fortalecer vínculos, forjar identidades, bem como criar condições propícias para a expansão de sua atuação como entes políticos, aumentando seu conhecimento técnico e político e seu poder de reivindicação e de negociação junto a esferas públicas ou privadas e seu protagonismo nos âmbitos local e regional.

3. A Rede de Catadores no Oeste Paulista

A organização coletiva de grupos com o propósito de gerar trabalho e renda vem se consolidando como uma alternativa às restrições impostas pelo mercado formal de trabalho, especialmente para os sujeitos pertencentes aos grupos populares, em geral, com baixa escolaridade e pouca qualificação profissional, como os catadores de materiais recicláveis. Trabalhando individualmente, coletando recicláveis pelas ruas e pontos da cidade, resta-lhes, ao final do dia, “entregar” o fruto do seu trabalho a um dono de depósito, por eles denominado atravessador, em troca de poucos reais, insuficientes ao sustento seu e da família. Quando reunidos em cooperativa ou associação, com apoio da Prefeitura, realizam juntos a Coleta Seletiva, a triagem e preparação dos materiais arrecadados e sua posterior comercialização. As condições de trabalho e de renda melhoram significativamente, passam a ter alguns direitos garantidos, como o recolhimento da Previdência Social, descanso semanal

e anual remunerados e as condições de comercialização são alteradas: material preparado com mais qualidade, e em maior volume possibilitando a obtenção de melhores preços.

A constituição desses grupos em associações e cooperativas, orientados pelos princípios da Economia Solidária e do Cooperativismo Popular, tem significado mais do que a oportunidade de trabalho e renda. O processo de organização e de gestão coletiva, democrática e autônoma tem requerido desses trabalhadores a re-apropriação e a construção de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades, bem como o exercício de funções e papéis novos, antes nunca exercitados. A expropriação de seus conhecimentos pelo sistema capitalista, que lhes reservou o papel de meros executores de trabalhos por outros concebidos, produziu o esvaziamento do sentido de suas atividades e do próprio trabalho. Essa condição apresenta-se como um desafio a ser superado pelos grupos populares que se proponham trabalhar nessa nova perspectiva.

O Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR- vêm por meio de projetos, buscando superar essa e outras condições restritivas ao trabalho dos catadores em cooperativas e associações. São programas de capacitação técnica para o trabalho, envolvendo temas sobre gestão administrativa das cooperativas e autogestão, logística, economia solidária, políticas públicas, entre outros. Prevêem também assistência técnica para prepará-los para concorrerem a editais públicos, visando prover de infraestrutura seus galpões. Entre os projetos desenvolvidos o pode ser citado o “CATAFORTE- Fortalecimento do Cooperativismo e Associativismo dos Catadores de Materiais Recicláveis” (MNCR, 2011) que busca também:

[...] fomentar políticas públicas regionais para implementação da coleta seletiva solidária e o pagamento dos catadores pelos serviços prestados ao município. Assim como a formação e o fortalecimento das redes solidárias de comercialização conjunta e criação de planos de negócios.

Os catadores organizados têm sido beneficiados por políticas públicas e acessado recursos concedidos por intermédio do governo federal. Outras reivindicações apresentadas pelo Movimento (MNCR: 2011: 2) referem-se a novos investimentos para capacitação técnica dos catadores, fortalecimento do Centro Nacional de Referência do MNCR, avanço da categoria na cadeia produtiva de reciclagem e combate a pobreza, bem como para infraestrutura das cooperativas, saúde, moradia, educação popular e inclusão digital. Os catadores solicitam também pagamento por serviços ambientais, aplicação da Política Nacional de Resíduos Sólidos e apoio ao Projeto de Lei de iniciativa popular do MNCR sobre a inclusão dos catadores como segurados especiais na Previdência Social, em tramitação na Comissão de Legislação Participativa da Câmara dos Deputados.

VII Encontro Internacional de Economia Solidária

finanças solidárias e desenvolvimento territorial

24, 25 e 26 de novembro de 2011

cidade universitária . são paulo . sp



Concomitantemente às ações desencadeadas pelo MNCR, outras instituições parceiras dos grupos de catadores, como as incubadoras universitárias de cooperativas populares, também contribuem para que levem avante a luta por trabalho e vida digna. A Incubadora de Cooperativas Populares da Unesp - Incop Unesp, desde 2001, assessora grupos de catadores no Oeste Paulista.

Na Região, os catadores de materiais recicláveis organizados em associações e cooperativas vêm, há anos, se articulando para lutarem por políticas públicas com inclusão de catadores. A formação do Comitê de Catadores do Oeste Paulista, em 2003, vinculado ao MNCR, tem contribuído para o desenvolvimento dos grupos, possibilitando a identificação de interesses em comum, a discussão de suas atividades, de seus desafios e a importância do papel que desempenham na execução e aperfeiçoamento da gestão dos resíduos sólidos nos municípios.

Participam do Comitê dezesseis associações e cooperativas, denominadas bases, subdivididas em três pólos que têm a responsabilidade de orientar e apoiar os grupos da microrregião, conforme a localização: Ourinhos, Assis e Presidente Epitácio. Neste sentido, é usual que uma cooperativa ou associação com mais conhecimentos ou com melhor infraestrutura coopere com outro grupo no atendimento de suas demandas por orientação, reforço de mão-de-obra, apoio nas comercializações, empréstimo de equipamentos ou veículos. Essa relação de intercooperação tem constituído uma nova sociabilidade entre os grupos e os pares, fortalecendo vínculos de confiança e de solidariedade, viabilizando os empreendimentos e melhorando as condições de trabalho e de vida desses catadores.

Outros espaços corroboram para o fortalecimento dessa trama entre os grupos. Para viabilizar as ações do Comitê, constituíram sua Secretaria da qual participam coordenadores dos pólos e representantes dos grupos. Esse coletivo reúne-se mensalmente com o compromisso de articular o Comitê, organizando as pautas e os encontros itinerantes realizados periodicamente. Nesses encontros contam com a presença dos gestores públicos da cidade sede do evento e de outras instituições apoiadoras, discutem temas relacionados ao cotidiano de trabalho dos grupos, como organização coletiva, coleta, processamento e comercialização dos materiais, à relação com o poder público e comunidade, ao acesso aos recursos financeiros, bens e meios de produção e à própria política nacional de resíduos sólidos.

Por essa intensa mobilização, atualmente, o Comitê está entre os mais atuantes do MNCR, em todo o território nacional, tanto pela articulação e solidariedade entre seus grupos,

como pela frequência com que se reúne, pois entre 2003, ano de sua constituição, e meados de 2011, ocorreram 30 encontros, uma média de quatro encontros por ano.

Por meio dessa organização política, os catadores vêm assumindo o papel de protagonistas, pautando questões das relações dos grupos com o poder público, definindo e lutando por políticas públicas que a categoria pretende ver implantadas.

A partir dessas articulações, a organização dos catadores no Oeste Paulista ganhou visibilidade e reconhecimento, inclusive de gestores públicos municipais que passaram a contar com a sua contribuição na elaboração do plano de gestão de resíduos sólidos com a inclusão de catadores.

Cabe destacar que várias associações e cooperativas, neste percurso, com o apoio da Incop Unesp, passaram a ter a posse de bens e meios de produção, mediante apresentação de projetos em resposta a editais do BNDES, FUNASA, ou diretamente a órgãos de fomento, como a Fundação Banco do Brasil. A Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis de Assis e Região – COOCASSIS- possui infraestrutura que lhe permitirá, inclusive, avançar na cadeia produtiva, transformando plásticos, bem como comercializar em rede.

A despeito das conquistas que esses grupos tiveram, ainda existem desafios a serem enfrentados, especialmente em relação ao fortalecimento dos grupos, os quais reconhecem que isoladamente, poucos avanços terão em suas lutas. Para tanto, além dos investimentos que visam ao desenvolvimento do próprio empreendimento de economia solidária e das pessoas que dele participam, esses atores econômicos e sociais também vêm se articulando, com vistas à constituição de redes solidárias de comercialização, uma estratégia de fortalecimento político e econômico.

As redes solidárias, conforme Mance (2003), “[...] enfrentam a reprodução do capitalismo, combatendo a exploração dos trabalhadores, a expropriação dos consumidores e as diversas formas de dominação política e cultural presentes em nossas sociedades”. Na prática e na literatura, em geral, encontram-se referências às redes de consumidores, produtores e outras organizações populares como uma estratégia para o avanço da Economia Solidária. Elas integram diversos atores, tanto setorialmente como em cadeias entre si, os quais articulados pelos princípios da colaboração e da cooperação potencializam-se mutuamente podendo, inclusive, dar origem a novos empreendimentos econômicos solidários.

Neste sentido, segundo o autor:

Busca-se, portanto, integrar consumo, comercialização, produção e crédito em um sistema harmônico e interdependente, coletiva e democraticamente planejado e gerido, que serve ao objetivo comum de responder às necessidades da reprodução

VII Encontro Internacional de Economia Solidária

finanças solidárias e desenvolvimento territorial

24, 25 e 26 de novembro de 2011

cidade universitária . são paulo . sp



sustentável do bem viver das pessoas em todas as suas dimensões, inclusive, nos âmbitos da cultura, arte e lazer. (MANCE: 2006)

Em relação aos catadores, segundo Roberto Rocha, do MNCR (2008) “A visão de futuro é que as cooperativas se organizem em redes”. Neste caso, trata-se da constituição de redes solidárias de comercialização, estabelecidas entre empreendimentos congêneres, com o propósito de garantir escala, qualidade e o avanço na cadeia produtiva.

As relações de confiança estabelecidas entre os grupos do Comitê Oeste Paulista, a compreensão que construíram acerca da realidade social e econômica capitalista excludente e competitiva, levou-os a discutirem a elaboração de um projeto de comercialização em rede, baseado em experiências pontuais já ocorridas entre alguns grupos.

Por meio do “observatório”, um banco de dados sobre os grupos que participam do Comitê, reconhecem as potencialidades de produção e identificam as demandas de cada grupo por investimentos em infraestrutura, capacitação técnica dos catadores, desenvolvimento de lideranças, entre outras. Projetam ações e discutem o modelo de rede que pretendem.

A opção jurídica considerada mais adequada para viabilizar essa nova forma de organização é a constituição de uma cooperativa de segundo grau, da qual deverão participar pelo menos três cooperativas (necessariamente) e todas as demais associações da região. As lideranças do Comitê, assessoradas pela equipe da Incop Unesp, vêm construindo o Estatuto Social e realizando os estudos necessários à constituição da rede de comercialização.

A construção da estratégia de rede permitirá ao coletivo regional aumentar em escala e regularidade, bem como melhorar a qualidade do processamento dos materiais a serem comercializados. Essa nova circunstância possibilitará que vários tipos de materiais passem a ser comercializados diretamente com a indústria, com melhores preços, elevando o rendimento dos catadores dos grupos participantes. Esse resultado poderá, inclusive, implicar no aumento de associados nas associações e cooperativas.

Da mesma forma que os grupos poderão comercializar em melhores condições para aumentar a renda e incluir mais pessoas, com a infraestrutura existente na COOCASSIS, diversos tipos plásticos deverão ser processados, agregando valor ao produto e contribuindo ainda mais para a melhoria da renda e sustentabilidade dos empreendimentos.

Essa organização do Comitê que tem possibilitado a constituição da rede entre os grupos de catadores tem criado condições para discutir com o Consórcio Intermunicipal do Vale do Paranapanema - CIVAP- o estabelecimento de uma política regional de remuneração das associações e cooperativas de catadores por serviços prestados aos municípios pela realização da Coleta Seletiva Solidária. Na prática essa articulação está induzindo a criação de

políticas públicas que reconheçam a real contribuição que os catadores têm dado para a gestão dos resíduos sólidos.

4. Considerações Finais

Ao desconstruírem os valores do capitalismo como a propriedade privada, lucro, divisão social, hierarquização, exploração da força de trabalho, lucro, competição e individualismo, esses grupos passam a experimentar novas formas de relacionamento e de vida, ao se apropriarem e vivenciarem os valores da Economia Solidária, como a propriedade coletiva ou associada dos meios de produção, autogestão, repartição igualitária da renda, igualdade nas relações de poder, diminuição do trabalho fragmentado, solidariedade, cooperação e intercooperação.

A idéia de que a Economia Solidária pode ser uma alternativa de criação de outra forma de relacionamento a partir da experiência de vida tem, de fato, se concretizado quando se observa a organização dos catadores em grupos ou coletivos maiores como é o caso do Comitê Regional e da rede em constituição no Oeste Paulista.

Com essa articulação esses trabalhadores vêm desempenhando o papel de atores econômicos e sociais, produzindo mudanças na realidade concreta e transformando a si próprios, constituindo uma nova sociabilidade e consolidando uma relação de trabalho sustentada pela confiança e solidariedade.

5. Referências Bibliográficas

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LADEIA, C. R. **Uma análise da Práxis nas Publicações Brasileiras sobre a Formação do Professor de 1ª à 4ª série nas Décadas de 70 e 80**. 1995. 256 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: UNICAMP, 1995.

LEONTIEV, A. N. **Actividad, conciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978.

MANCE, A. E. O que são e como montar redes solidárias. In: MANCE, A. E. (org). **Como organizar redes solidárias**. Rio de Janeiro: DP&A, Fase, IFIL, 2003.

_____. **A Consistência das Redes Solidárias**. Disponível em: <http://www.rits.org.br/redes_testedownload/tema_janeiro2006.zip>. Acesso em 27 Ago. 2011.

Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). **Catadores participam de debate sobre cadeia de reciclagem**. São Paulo: MNCR, 2008. Disponível em <<http://www.mncr.org.br>>. Acesso em 27 Ago. 2011.

_____. **Cataforte formará 2 mil em São Paulo**. São Paulo, 2011. Disponível em <<http://www.mncr.org.br>>. Acesso em 27 Ago. 2011(a).

_____. **MNCR se reúne com Ministro Gilberto Carvalho**. São Paulo, 2011. Disponível em <<http://www.mncr.org.br>>. Acesso em 27 Ago. 2011(b).

VAZQUEZ, A. **Filosofia da Práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.